HOMILIA

de S.E.R. o Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires e América do Sul Dom Iosif por ocasião da celebração ecumênica pelo aniversário dos 1700 anos do Concílio de Niceia

Catedral de Buenos Aires, 17 de Novembro de 2025

"Se vocês permanecerem na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos; e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará."

Jo. 8, 31-32

O diálogo entre Pilatos e Jesus no Pretório (Jo 18,28-40) é revelador — apocalíptico — e talvez pudesse ser identificado com qualquer outro sinal ou indício dentre tantos por meio dos quais Ele mesmo se revela, se descobre, se doa. Pilatos pergunta — sem perceber o sarcasmo —: "*então parece que és rei, hein*?" Jesus lhe responde com um assentimento direto e irreversível: "*dizes bem que sou rei; para isso nasci e para isso vim aos homens, a fim de dar* — e ser — *testemunho da Verdade*". E continua: "*todo aquele que é da Verdade ouve a minha voz*."

E Pilatos, antes de se retirar para enfrentar a multidão, pergunta talvez retoricamente, ou ironicamente, ou talvez simplesmente refletindo — nunca saberemos —: "**e o que é a verdade?**"

Evidentemente, a resposta a essa pergunta já havia sido dada de várias maneiras antes e durante esse momento preciso. Mas Pilatos não compreende. E não se trata meramente de uma questão de fé. Pilatos tem um modo de vida muito diferente daquele dos que se relacionam com a Verdade, e não tem nenhum interesse em abandoná-lo. Muito pelo contrário, quer preservá-lo; por isso faz o que faz e consuma o seu destino lavando as mãos como testemunho de uma falsa imparcialidade que necessariamente evoca uma obsequiosidade impune e covarde.

A resposta ao questionamento do procurador é o próprio Cristo. Pilatos está diante da Verdade humanizada e a desconhece; e a ignora; até a satiriza. Por isso a minimiza e a entrega para que seus inimigos tentem prová-la falsa. Não poderia ser de outra maneira. Porque, quando a práxis se separa dessa

Verdade, então a **incoerência** e a **insensatez** se impõem como critério de vida, e a **esquizofrenia** torna-se seu sintoma sistêmico.

Deixa claro que Cristo nasceu -γεννήθηκα[1]- do Pai e loggo **veio** -ελήλυθα- aos homens para ser e **dar testemunho** vivo -μαρτυρώσω- da Verdade. Estes três verbos -ser gerado, vir e testemunhar- falam de três realidades que se intercomplementam desde a vida íntima da Trindade — sempre inacessível para nós — até a economia salvífica, que já se cumpre nesta realidade contingente e relativa, e pela qual somos redimidos..

No entanto, muitos, já desde então, quiseram **se sobrepor** à Verdade e ao seu *modus vivendi* por meio de teorias e práticas alheias, estranhas àquela Verdade revelada e dada a todos sem exceção. Um deles foi Ário, que quis compreender o Cristo como uma criação, como um homem elevado, como um ungido em virtude de sua excelência ética e moral. Ário, o herege, afasta-se daquela Verdade primigênia e salvífica e entra no terreno de sua tergiversação, de sua degeneração — e não apenas de maneira teórica, mas a partir de um modo de vida incompatível com ela. Ário, então, isola-se e separa-se da comunidade de congêneres espirituais que experimentam, vivem e proclamam a mesma experiência de fé. A isto chamamos heresia — um termo que, talvez hoje, neste **pandemônio axiológico** que impera, já não tenha sentido por ser visto como anacrônico e dogmatizador.

Diante da tentativa sistemática e orgânica de tergiversar a Verdade, os anticorpos do organismo — da Igreja — se ativam e contra-atacam a **patogenia espiritual** que começa a se espalhar nele. Niceia não é outra coisa senão a execução dessa reação — também orgânica e sistêmica — de proteção da Verdade como **matriz existencial** da Igreja. E essa resistência não pode ser senão **sinodal** e **colegiada**, assim como **universal, teórica** e **prática**. Isso é axiomático!

O organismo teândrico não está isento das patologias próprias desta dimensão relativa e eventual. De todas elas, a tergiversação da Verdade dada e revelada — e de seu análogo *modus vivendi* — é uma das mais graves e perigosas. Ainda assim, existe a garantia da contínua purificação, iluminação e perfeição dele e de seus membros; por isso a Igreja, como criação de Deus, é Una, Santa, Católica e Apostólica.

- Nesse marco de resistência e disputa, a **união–unidade** se ativa como uma energia avassaladora que aglutina e faz convergir todos os seus legítimos membros, de maneira unânime, na defesa contra qualquer movimento que impulsione a desagregação, a separação, o cisma.

[1]. Pré-eternamente.

- A **Santidade**, por sua vez, se revela como potência sempre terapêutica, curadora e aperfeiçoadora, que se ativa em todos os seus membros para revitalizar sua **receptividade espiritual** e adequá-la às coisas superiores.
- A **Catolicidade** — a universalidade — do organismo opera como potência inclusiva e holística que assimila a todos e a tudo, mas mantendo a alteridade e a diversidade já conjugadas e unificadas.
- E, por fim, a **Apostolicidade** funciona como a amálgama sincrônica e necessariamente vivencial que nos conecta — e também nos remete — do nosso aqui e agora ao lá e então cristícos.

Niceia — como todas as expressões sinodais, ecumênicas e locais — é a **garantia** de que a Igreja é um organismo teândrico e pneumatocinético em plena evolução e perfeição, cuja operação é sinérgica e compartilhada. Na Tradição Ortodoxa, a Igreja é vivenciada e interpretada como um **hospital de campanha,** no qual enfermos e médicos convivem e colaboram uns com os outros, utilizando a inumerável variedade de carismas e operações que são dados do Alto. Os que proporcionam a cura e os curados, todos membros desse organismo, têm uma missão única e especial — *sempre em favor do outro e do conjunto, e nunca de si mesmos* — e, enquanto a cumprem de maneira ascética, isto é, como exercício espiritual, são constituídos em órgãos carismáticos do corpo.

Tudo isso em **Verdade e Amor**, que são as duas faces de uma mesma moeda cujo valor se identifica com o próprio Cristo, o Teântropo, o Deus-conosco, o "**Homousios**" do Pai, o Redentor, o Esplendor e a Imagem perfeita do Pai.

Queridos amigos,

Que é a Verdade?

É necessário reformular a pergunta de Pilatos — e de muitos — e indagar de maneira legítima: quem é a Verdade?

E então poderemos proclamar, do fundo de nossos corações e mentes:

Jesus Cristo, aquele que Niceia e toda a Igreja proclama **luz de Luz, Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro, o consubstancial ao Pai: nossa salvação, nossa única esperança, nosso comum destino, a garantia de nossa liberdade**. Amém.